

R

evista
de Educação Musical

N.º 136
Janeiro a Junho 2011

Christopher Bochmann, compositor e pedagogo <i>Sérgio Azevedo</i>	5
Supervisão e avaliação no ensino artístico especializado de Música <i>Emília Gonçalves</i>	12
Manuel de Tavares e as suas funções pedagógicas como Mestre de Capela <i>Lúsa Correia</i>	21
Cantar cedo para as crianças, uma forma de aprender <i>Isabel Castro</i>	26
Vamos construir uma cidade Um projecto para todas as escolas do ensino básico <i>Eugénio Sena</i>	33

CONFRA

N.º 136
Janeiro a Junho 2011

Revista

de

Educação

Musical

Serviços de Documentação
E. S. E.
N.º _____
Class. _____

apem associação portuguesa de educação musical





Propriedade e Administração

apem Associação Portuguesa de Educação Musical • Instituição de Utilidade Pública • Afiliada da ISME – International Society for Music Education • Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36-1.º D.º 1070-087 Lisboa, Tel. / Fax 21 38 68 101; Sítio web: www.apem.org.pt; Correio-e: educacaomusical@sapo.pt

Direcção da APEM Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação, Vasco Broco da Silva, Catarina Andrade, Henrique Piloto.

Directora Graça Boal Palheiros, Instituto Politécnico do Porto Conselho redactorial Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação Conselho científico Beatriz Ilari, Universidade Federal do Paraná • David Hargreaves, Universidade de Surrey, Roehampton, Londres • Elisa Lessa, Universidade do Minho • Graça Boal Palheiros • Graham Welch, Universidade de Londres.

Impressão MINHOGRÁFE. Artes Gráficas, Lda. – Braga
Tiragem 700 exemplares Periodicidade semestral
Preço por número 20,00 € Assinatura anual 35,00 €.

Registo no SRIP n.º 109959
N.º Depósito legal 88071/95

<i>Editorial</i>	4
<i>Perfil</i>	5
Christopher Bochmann, compositor e pedagogo <i>Sérgio Azevedo</i>	5
<i>Estudos</i>	12
Supervisão e avaliação no ensino artístico especializado de Música <i>Emília Gonçalves</i>	12
Manuel de Tavares e as suas funções pedagógicas como Mestre de Capela <i>Lúisa Correia Castilho</i>	21
Cantar cedo para as crianças, uma forma de aprender <i>Isabel Castro</i>	26
<i>Projecto Pedagógico</i>	33
Vamos Construir Uma Cidade – Um projecto para todas as escolas do ensino básico <i>Eugénio Sena</i>	33
<i>Notícias</i>	43
<i>Centro de Documentação da apem</i>	46
<i>Colaboradores</i>	49
<i>Separata</i>	51
<i>Normas para apresentação de originais</i>	52

Cantar cedo para as crianças, uma forma de aprender¹

Isabel Castro
misa@ipb.pt

Resumo

Neste artigo pretendo ilustrar como o feto e o bebé demonstram capacidades auditivas que lhes permitem escutar e discriminar sons. Estas capacidades são importantes e podem ser potenciadas a partir de estimulação diferenciada, como por exemplo cantar. Os pais, numa primeira fase, e posteriormente, os educadores, na escola, podem contribuir para o desenvolvimento de outras capacidades auditivas através da música, nomeadamente, a partir do ato de cantar canções, desde cedo, ao feto e ao bebé.

Neste sentido, pretendo apresentar alguns estudos que ilustram a importância de que o feto e o bebé apresentem já capacidades que lhes permitem organizar sons do meio ambiente. Esta organização é realizada a partir da forma como extraem o que de mais característico e relevante existe nos estímulos sonoros. Deste processo, que envolve organização interna, maturação cognitiva, motora e psíquica, pode surgir nova integração com outros estímulos sonoros.

Pretendo ainda alertar para o papel da música e, em particular, de cantar com e às crianças, desde cedo, em diferentes ambientes e contextos. Cantar canções, nomeadamente canções de embalar, bem como efectuar experiências musicais distintas, expor o feto e os bebés a diferentes sons pode, mais do que trazer benefícios emocionais, potenciar a percepção musical em distintos aspectos.

Palavras-chave: acuidade auditiva, percepção musical, infância, cantar

Introdução

Os fetos e os bebés, desde cedo são capazes de discriminar diferentes sons. De uma forma geral, respondem a diferentes estímulos, quer através de actos reflexos involuntários, quer respondendo através de comportamentos diferenciados e coordenados. A noção de percepção ganha forma, a partir do momento em que o feto e o lactente apresentam capacidades para responder (Lacerda *et al.*, 2001) em função dos estímulos. Quando o feto e o bebé respondem, de forma diferenciada, a novos estímulos sonoros, por exemplo, pode considerar-se que integraram informação e se adaptaram a situações diferentes. Neste sentido e como Gardner salienta, torna-se "... importante perceber que os fatores ambientais não agem sobre uma tela vazia; ao invés, eles exercem seu impacto sobre um bebé que vem equipado com um sistema nervoso e um certo temperamento [...] profundamente influenciados por fatores genéticos" (1998, p. 168). Reforçando esta ideia, Lipsitt refere que: "os bebés vêm ao mundo com todos os seus sistemas sensoriais a funcionar" (in Gomes-Pedro, 1995, p. 201) impelindo-os para aprenderem e perceberem, por exemplo, diferentes sons.

Neste artigo vou apresentar algumas ideias que foram exploradas aquando da realização de uma investigação que teve como objectivo perceber o comportamento de bebés perante a audição de uma canção de embalar, no período de sono. Esse estudo teve também como ideia base construir um projecto no qual a música fosse uma das principais componentes e ainda compreender o papel da música na formação dos indivíduos, e das crianças pequenas, em particular.

¹ Este artigo tem como base uma comunicação oral, intitulada "Quando Cantar vem do coração: uma abordagem metodológica, proferida no âmbito das III Jornadas de Prática Pedagógica: Narrativas de Investigação e Intervenção, 2011, na ESE – Instituto Politécnico de Bragança.

Nesta sequência, pretendo tecer algumas considerações sobre a forma como o feto e o bebé apresentam, desde cedo, acuidade auditiva para perceberem e relacionar diferentes sons. Pretendo ainda ilustrar como, graças a essa capacidade de perceberem diferentes sons, é importante a audição de sons musicais e a actividade de cantar ou fazer ouvir música desde cedo, junto do feto e posteriormente do bebé.

Como salienta Gordon: "... após o nascimento, os bebés começam a tornar-se musicalmente aculturados, de várias maneiras. Podem ouvir música tocada em casa ou através dos meios de comunicação social. Podem ouvir músicas ao vivo na televisão ou em circunstâncias mais íntimas. E, o que é mais importante, podem ouvir os pais e talvez as irmãs ou os irmãos, ou ainda outras crianças, a cantar e a entoar" (2000a, p. 52).

Com base em experiências que ilustram tais constatações, bem como da apresentação de distintos pontos de vista de vários autores sobre o papel que a música tem no comportamento humano, pretendo salientar que a música e particularmente cantar cedo às crianças pequenas pode influenciar a aprendizagem de diferentes conceitos a partir de experiências musicais, a definição de gostos musicais ou de outros conceitos ligados à música, ou simplesmente gostar de cantar.

Enquadramento conceptual

De acordo com alguns estudos que se centraram na capacidade auditiva do feto para distinguir e reagir a diferentes estímulos sonoros musicais, pode salientar-se a importância que o contacto com a música e com diferentes sons tem, já desde a vida intra-uterina. Para Lecanuet (1996), a capacidade do feto para captar o som, distingui-lo, identificá-lo e relacioná-lo (seja com o que for) é inferida a partir de manifestações fisiológicas (aceleração dos batimentos cardíacos) e comportamentais, como por exemplo, movimentos rotativos da cabeça em direcção à fonte sonora, ou aceleração dos batimentos, em resposta à estimulação sonora apresentada. Abrams *et al.* (Deliège & Sloboda, 1997) sugerem que o feto, além de captar o som, o distingue, identifica, recorda e relaciona. No mesmo estudo realizado com fetos de ovelhas (e outros animais) e fetos humanos, foi comparada a sua acuidade auditiva para, em presença de sons isolados (notas musicais emitidas com diferentes frequências), perceberem frequências fundamentais nos estímulos musicais expostos. Os resultados apontam no sentido de se concluir da grande capacidade de discriminação auditiva dos fetos. Estudos referidos por Schuter-Dyson relatam a capacidade de discriminação auditiva do feto, quando percebe certos diferentes de música erudita, quando a fonte sonora foi colocada junto do abdómen da mãe: "*Ainsi parurent-ils plus sensibles à l'Ouverture de la Sonate pour piano Op. 31 n.º 2 en ré mineur (La Tempête) de Beethoven qu'à un morceau choral de Palestrina*" (Wilkin, 1991, citado por Schuter-Dyson, in Zenatti e Castellengo, 1994, p. 215)². Salienta-se, desta maneira (ainda que o estudo referido não revele a natureza das respostas do feto), a sua capacidade para reagir de modo diverso, quando escuta dois estilos de música diferentes. Segundo Parncutt (citado por Blum, 1993), os sons percebidos *in utero* funcionam como as primeiras experiências, quer de detecção das características dos sons, quer de apreensão de características de estruturas musicais e outras. Para o autor, a noção de ritmo (expresso nos batimentos cardíacos, passos e funções gástricas, entre outras funções, da mãe, conversas, canções cantadas por pessoas ou ouvidas num aparelho próprio, música ao vivo), desenvolve a sensação de pulsação e de duração, próprias da fala e da música. Quando as pessoas falam, os fetos percebem um outro som; têm assim a possibilidade de distinguir os diferentes contornos melódicos, bem como aspectos harmónicos (emitidos pelos sons harmónicos das vogais e consoantes, pela distinta função entre os acordes, quando ouve sons simultâneos), e ainda perceber as relações tímbricas das vozes, dos sons de objectos e de sons musicais e não musicais. Da mesma forma, a noção de frequência, numa linha melódica, é discriminada quando o feto

² "Deste modo os fetos parecem mais sensíveis à abertura da sonata para piano opus 31 n.º 2 em ré menor (*A tempestade*) de Beethoven do que a um fragmento coral de Palestrina" (tradução livre).

percepção as constantes alterações (subidas e descidas de altura) da voz materna, quer quando fala, quer quando canta (Parnett, in Blum 1993; Bregman, in McAdams e Bigand, 2001), o mesmo acontecendo quando se cantam canções de embalar. Como salienta Panneton, as características acústicas dos sons, como o tempo ou a alteração de notas numa melodia, podem impelir o bebé a gostar de uma determinada forma de ouvir cantar, em detrimento de outra (Deliège e Sloboda, 1996). É o que nos revela um estudo realizado por Satt e colaboradores, no qual se observou a preferência de um bebé por ouvir uma canção de embalar cantada pela mãe durante o fim do período de gestação, a outra melodia, também cantada pela mãe (Lecanuet, 1996).

Também o bebé apresenta múltiplas competências para escutar e perceber diferentes características musicais, desde o período intra-uterino, como já foi mencionado. Blum (1993), Lopes dos Santos (1985, 1990) e Deliège e Sloboda (1996) reforçam esta ideia, referindo que o bebé cedo apresenta capacidade para escutar e perceber características musicais. Como refere Lopes dos Santos: "O bebé pequeno mostra, pois, desde o início que é capaz de ouvir, prestar atenção e localizar a origem espacial dos sons" (1990, p. 28).

Alguns estudos, como os de Lopes dos Santos (1985; 1999), Trehub *et al.*, Trainor, Rock *et al.* e Trevarthen (1999) entre outros, nos quais se analisou a reacção de bebés de diferentes idades, em presença de estímulos sonoros musicais e não musicais, indicam que há uma gama de comportamentos e respostas que merecem um *olhar* atento. Embora estes estudos forneçam algumas das linhas principais para o trabalho de investigação que realizei, não encontrei muitos estudos que revelassem a influência de cantar canções de embalar durante a prestação de cuidados, ou durante o período de adormecimento e sono dos bebés em contextos naturais. No entanto, alguns autores revelam a preferência de bebés pela audição de música, nomeadamente de canções de embalar, que julgo poderem ilustrar a capacidade de distinção e discriminação aos sons, como atestam a preferência por uma canção ou outra. Destaco os estudos que revelam a capacidade de adultos e bebés para identificarem canções de embalar, quer quando comparadas com outros géneros de música, quer sendo filtradas e retirando-lhes o texto (Trehub *et al.*, 1997). No entanto, quando em determinadas canções de embalar a melodia é ouvida através de um sintetizador, os sujeitos reconhecem-nas como sendo uma canção de embalar, quando o carácter da interpretação que as caracteriza é alterado. Em estudos paralelos, verificou-se que bebés com idades compreendidas entre os 4 e os 7 meses preferiam gravações com canções de embalar, cantadas pela mãe na sua presença, a gravações cantadas pela mãe, na sua ausência. Os resultados dos estudos indicaram que os bebés preferem ouvir as canções de embalar, quando cantadas pela mãe, junto deles. Mesmo quando são dadas a ouvir canções de embalar de diferentes países, os intervenientes nas experiências conseguem identificá-las como pertencendo a esse género musical (Trehub *et al.*, 1997).

Com base nestes estudos e na investigação que eu própria efectuei (Castro, 2003) saliento a importância da estimulação sonora, da audição de música e de cantar junto dos bebés desde cedo, incluindo canções de embalar.

Autores como Helena Rodrigues (1994, 1997), David Hargreaves (1999), Edwin Gordon (2000a), Jacques Chapuis (2001), Edgar Willems (2001), Craig Peery (2002), Isabel Castro (2003, 2004), Graça Palheiros (2004), Don Campbell (2006), são unânimes ao acentuarem o papel da música na vida das pessoas e das crianças em particular, em diferentes aspectos cognitivos e emocionais, quer no seio familiar, quer na escola. Reforçando esta constatação, o antropólogo Alan Merriam (1964) referiu: *There is probably no other human cultural activity which is so all-pervasive and which reaches into, shapes, and often controls so much of human behavior*³ (p. 218). Os estudos aqui referidos apontam também no sentido de que a estimulação sonora que envolve todo o período de gestação constitui, igualmente, segundo Maiello, a possibilidade de formar um verdadeiro *código sonoro pessoal que contém já a base da futura linguagem da criança* (in Sá 2000, p. 84). De acordo com Don Campbell (2006),

³ "(...) provavelmente não há nenhuma outra actividade humana cultural que seja tão influente e que alcance, modele e frequentemente controle tanto o comportamento humano (como a música)" (tradução livre).

Há cada vez mais provas de que os bebés – antes e depois de nascerem – reagem tanto à música como o mais ávido espectador de concertos. Num estudo de meados da década de oitenta, os psicólogos do Pacific Medical Center em São Francisco constataram que tocar o *Twinkle, Twinkle Little Star* (...) num walkman (...), ajudava a evitar que os bebés hospitalizados se agitassem e gritassem" (p. 48).

O facto de as crianças responderem aos diferentes padrões melódicos e rítmicos revela que, não só é possível reforçar estes e outros comportamentos, de forma a incrementar outras possibilidades auditivas, mas também perceber que essa estimulação sonora pode contribuir para aprendizagens de diferentes elementos musicais que reforçam e incentivam o gosto pela música. A este propósito, Gordon refere que:

Dado que não se passa um dia sem que, duma forma ou doutra, as crianças ouçam ou participem em música, é-lhes vantajoso que a compreendam. Apenas então poderão aprender e apreciar, ouvir e participar na música que acham ser boa, e é através dessa percepção que a vida ganha mais sentido"⁴.

Parece importante pensar em continuar a preservar e fomentar a *sabedoria* e o *apetite* para a música, com que o bebé nasce (Trevarthen, 1999). E como refere Peery (2002) *são cada vez mais as provas de que a música faz parte integrante do desenvolvimento humano e que a música pode incentivar e ser (...) catalisador de outras facetas do desenvolvimento* (p. 486). O contacto com as paisagens sonoras (como por exemplo, pequenos excertos musicais, diferentes sons rítmicos ou melódicos, canções de embalar ou outras, desde o nascimento, poderá lançar as bases para que o bebé, a criança e, finalmente, o adulto venha a gostar de sons musicais, bem como preferir uns sons a outros. Como salienta Gordon (2000a),

Após o nascimento, [os bebés] começam a tornar-se musicalmente aculturado[s] de várias maneiras. Podem ouvir música tocada em casa ou através dos meios de comunicação social. Podem ouvir músicas ao vivo na televisão ou em circunstâncias mais íntimas. E, o que é mais importante, podem ouvir os pais e talvez as irmãs ou os irmãos, ou ainda outras crianças, a cantar e a entoar (p. 52).

Os sons musicais, os da fala e outros, pelas suas características acústicas, podem contribuir também para o desenvolvimento do aparelho acústico-fonador do bebé⁵. A capacidade de percepção auditiva do bebé, bem como os diversos parâmetros dos estímulos musicais, podem contribuir para a escolha de ouvir determinados sons e, ainda, potenciar para uma atitude musical, seja a que nível for. Alguns autores salientam que as características acústicas dos sons, como o tempo ou a alteração de notas numa melodia, podem impelir o bebé e a criança a gostar de uma determinada forma de ouvir cantar, em detrimento de outra (Panneton, 1985, citado por Deliège e Sloboda, 1996).

Tenho vindo a salientar a importância que a música pode ter na vida das crianças. Esta constatação é reforçada por autores que têm observado o comportamento de bebés perante diferentes experiências musicais. Estes trabalhos de investigação tornam-se ainda mais interessantes quando alargados à observação de comportamentos, em face de experiências sonoras. Desde muito cedo e já na vida intra-uterina, a música e os sons podem constituir as primeiras experiências sociais e auditivas do feto e das crianças (Peery, 2000) e a forma de estabelecerem relações emocionais com a mãe (Lopes dos Santos 1985, 1990; Castro 2003; Shetler, 1989, citado por Peery, 2002). Se um maior contacto com distintos estímulos sonoros musicais acontecer, mais facilmente o bebé e a criança aprendem, também, por exemplo, as qualidades físicas dos sons e manifestam comportamentos diferenciados, aprendem a interagir socialmente e o desenvolvimento cognitivo pode ser mais potenciado.

⁴ Tradução livre (in Gordon, 2000^a: 6).

⁵ Gordon refere a importância da *aculturação* social do bebé, quer para a linguagem, quer para a música. Salienta que a exposição variada de música e da linguagem falada, contribuem para o desenvolvimento dos balbuceios que potenciarão a fala, o canto, a escrita e a leitura (musical e não musical), de uma forma mais desinibida e compreensível (2000a, p. 43). Mota (1999), citando alguns autores, sugere que a fala dirigida aos bebés se torna potenciadora da aquisição da *linguagem* e do *canto* (1999: 28). Já em 1973, Madsen defendia a importância da audição musical, não só para o desenvolvimento da linguagem, como também para a compreensão da matemática (Hargreaves, 1999).

Vários autores afirmam que a audição musical conduz a uma manifestação de diferentes comportamentos sociais, emocionais e a uma forma de promover e potenciar distintas competências, quer ao nível cognitivo, quer, por exemplo, na forma como as pessoas se relacionam entre si. Para John Blacking (2006), a música acontece como uma forma de expressão que permite ser partilhada e transmite experiências e emoções das pessoas e de grupos, através de um desenvolvimento harmonioso do corpo, do espírito e das relações sociais⁶. Esta constatação advém de um longo trabalho de campo que Blacking (2000, 2006) efectuou quando estudou, nos anos cinquenta, uma comunidade africana na qual pôde observar como a prática musical estava intimamente ligada à vida do quotidiano e às relações sociais e onde todos os seus membros eram considerados capazes de fazer música. A observação desta sociedade levou-o a um diferente entendimento da música, considerando que a prática musical é uma actividade social e o desenvolvimento da criatividade musical, da experiência humana com a música só podem entender-se dentro de um contexto social, onde exista participação colectiva (2000: x-xi)⁷.

A investigação que vindo a realizar-se em Psicologia, Musicologia, Antropologia, Sociologia e Etnomusicologia evidencia, cada vez mais, a importância que a música pode ter no comportamento humano e os benefícios emocionais que podem advir de diferentes experiências musicais. Nesta linha, o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) refere que:

A música é um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos, em relação ao saber e às competências, sempre individuais e transitórias, porque se situa entre pólos aparentemente opostos e contraditórios, entre razão e intuição, racionalidade e emoção, simplicidade e complexidade, entre passado, presente e futuro (p. 165).

Os estudos de Graça Mota (1999) e de Graça Palheiros (1999) salientam a necessidade de se perceber como se processa o desenvolvimento musical das crianças nos primeiros anos da escola, e como a investigação nesta área pode contribuir para alargar o conhecimento sobre o papel da música nas escolas, e sobre as respostas das crianças em presença da música formal ou não formal. Como refere Helena Rodrigues (1997) nos primeiros tempos de vida a criança deve ser exposta a exemplos musicais com características diferenciadas, como se se tratasse de um "banho musical" (p. 17).

Na esteira do que ficou dito devo acrescentar que a escola, o jardim-de-infância, os pais e os educadores podem contribuir para que se desenvolva uma atitude e uma prática musical mais alargada, para que as crianças sejam capazes de melhorar diferentes competências sociais, emocionais e outras e adaptarem-se a distintos ambientes, musicais e não musicais. Para Gordon (2000), a orientação musical informal que as crianças recebem em sua casa e no ensino pré-escolar, assim como a educação musical formal que recebem no jardim-de-infância, vão influenciar directamente o nível da sua aptidão musical em desenvolvimento (p. 68). O importante é permitir que a criança, o mais cedo possível, vivencie diferentes experiências musicais e que possa também delas fruir emocionalmente. Como refere Filomena Almeida (2010), as interações acontecem se o ambiente for rico em experiências de aprendizagem, valorizadoras da resolução de problemas, nas relações sociais, no contacto com materiais, nas situações e factos das vivências quotidianas (p. 1). A música, mais do que ter um carácter lúdico representa um caminho seguro na senda da educação global das crianças. Como refere Susana Sardo (2011),

⁶ Tradução livre do original: "(...) una expresión que permite compartir y transmitir experiencias y emociones de los individuos y los grupos hacia un desarrollo armonioso del cuerpo, el espíritu y las relaciones sociales" (2006: 18).

⁷ "Music is too deeply concerned with human feelings and experiences in society, and its patterns are too often generated by surprising outbursts of unconscious cerebration, for it to be subject to arbitrary rules, like the rules of games. Many, if not all, of music's essential processes may be found in the constitution of the human body and in patterns of interaction of human bodies in society" (Blacking 2000: x). Mais refere que, "Vivendo entre los Venda comencé a entender hasta qué punto la música constituye una parte indisoluble del desarrollo de la mente, del cuerpo y de unas relaciones sociales armoniosas" (Blacking, 2006: 26).

experienciar a música e a dança, ou falar sobre elas, encoraja as pessoas a sentir que estão muito próximas de algo essencial a si próprias, como as suas emoções individuais ou comunitárias (p. 97).

Cantar, ouvir música, participar e ter experiências musicais é crucial, quer para cada um de nós, quer no processo pedagógico e educativo. Como afirma Ana Ferrão (2002), cantar representa, para a maioria das pessoas, uma expressão de sentimentos e um momento lúdico, para o Educador deve assumir ainda outras dimensões: a de um acto educativo e artístico (p. 15). Destaco a necessidade de se reforçar o acto de cantar com expressividade relacionando a música e as emoções. Como salienta Susana Sardo (2011) a música é um intermediário na articulação e gestão das emoções de um indivíduo na sua relação consigo próprio [...] e sobretudo na sua relação com os seus pares criando e reforçando a coesão dos grupos" (p. 93). Cantar canções, desde cedo, para as crianças pode ser uma excelente forma para explorar e construir diferentes conceitos musicais, alicerçar relações emocionais, competências sociais e sentires, que só a na música e com a música podem ser vivenciados.

Conclusão

Em jeito de conclusão, posso salientar que a música, estando presente nas diferentes culturas (Merriam, 1964), é capaz de modelar o comportamento humano de forma diferenciada comparativamente a outra actividade, e esta modelação inicia-se desde a vida intra-uterina, prolongando-se após o nascimento. Pretendi salientar o trabalho de alguns investigadores que mostram a capacidade auditiva do feto e dos bebés para a audição, distinção e discriminação de sons e de distintos géneros de música, nomeadamente, canções de embalar. Pretendi ainda alertar para a importância de cantar: cantar em casa, nas escolas, em diferentes contextos. Mais do que auxiliar a criança a exprimir-se, cantar pode promover a aprendizagem de diferentes conceitos, emoções e mesmo o gosto pela música. Cantar pode ajudar a aprender e expressar outras formas de comportamento humano. Como refere Perry (2000) ao citar Kuhmerker "a aprendizagem de canções facilita a adopção de um vocabulário de começo de leitura... o ritmo e a fraseologia, tanto como as acções e as experiências cinestésicas associadas às canções, ajuda as crianças a associar as palavras a uma variedade mais vasta de experiências linguísticas" (p. 482).

É fundamental cantar com as crianças e cantar às crianças desde cedo, em diferentes ambientes e contextos. Um estudo que realizei sobre os efeitos de cantar aos bebés durante o período de sono chamava a atenção para os benefícios que cantar pode ter, por exemplo, na arquitectura do sono (Castro, 2003). Cantar canções de embalar, expor o feto e o bebé a diferentes sons, pode potenciar a percepção musical em distintos aspectos, alguns dos quais aqui referidos. Cantar canções às crianças e proporcionar-lhes diferentes experiências musicais pode constituir uma ferramenta para a aprendizagem de diferentes conceitos e para reforçar as ligações afectivas, quer no meio familiar, quer na escola.

Referências bibliográficas

- Almeida, F. M. (2010) *Prática de ensino supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar.
- Blacking, J. (2000). *How musical is man?* New York: University of Washington Press.
- Blacking, J. (2006). *Hay música en el hombre?* Madrid: Alianza Editorial.
- Blum, T. (1993). Prenatal experience and the origins of Music. In T. Blum (Ed.), *Prenatal perception*. Berlin: Leonardo Publishers, pp. 252-277.
- Campbell, D. (2006). *O efeito Mozart*. Cruz Quebrada: Estrela Polar.
- Castro, M. I. (2003). *Cantar aos bebés – das práticas de cantar durante a prestação de cuidados e dos efeitos de uma canção de embalar no sono dos bebés*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciência de Educação, Universidade do Porto.

- Castro, M. I. (2004). Cantando para adormecer. *Revista Música, Psicologia e Educação*, 6, 89-99.
- Chapuis, J. (2001). A propósito do lugar da música na vida da criança. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, III, 12-13.
- Deliège, I. & Sloboda, J. (1997). (Eds.) *Perception and cognition of music*. Hove, UK: Psychology Press.
- Departamento de Educação Básica (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais* Lisboa: Ministério da Educação.
- Ferrão, A. (2002). Cantar: Espaço de prazer, arte e educação. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 112, 15-16.
- Gardner, H. (1998). *Inteligência. Múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Artmed.
- Gomes-Pedro, J. & Patrício, M.F. (1995) *Bebé XXI. Criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, E. E. (2000a). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, E. E. (2000b). *Teoria de aprendizagem musical. Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hargreaves, D. J. (1999). Desenvolvimento musical e educação no mundo social. *Revista Música Psicologia e Educação*, 1, 5-13.
- Lacerda, F.; Hofsten, C. & Heimann, M. (2001). *Emerging cognitive abilities in early infancy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lecanuet, J.-P. (1996). Prenatal auditory experience. In I. Deliège & J. Sloboda (Eds.), *Musical beginnings. Origins and development of musical competence*, 171-190. Oxford: Oxford University Press.
- Lopes dos Santos, P. (1990). *Papel dos factores da interacção Mãe-filho no crescimento somático do recém-nascido*. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Lopes dos Santos, P.; Ferreira, M.; Alves, J.; Carmona, C. & Leite, C. (1985). Estudo das reacções do recém-nascido ao som de uma voz humana nas primeiras 48 horas de vida pós-parto. *Jornal de Psicologia*, (4)5, 3-10.
- McAdams, S. & Bigand, E. (2001). *Thinking in sound. The cognitive psychology of human audition*. New York: Oxford University Press.
- Merriam, A. (1964). *The anthropology of music*. Evanston: Northwestern University Press.
- Mota, G. (1999). Investigar o desenvolvimento musical da criança nos primeiros anos de escolaridade. *Revista Música, Psicologia e Educação*, 1, 27-34.
- Palheiros, G. B. (1999). Investigação em educação musical: perspectivas para o seu desenvolvimento em Portugal. *Revista Música, Psicologia e Educação*, 1, 15-26.
- Perry, J. (2002). A música na Educação de Infância. In B. Spodek (org.), *Manual de investigação em Educação de Infância*, pp. 461-402. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, H. (1994). Avaliação da aptidão musical: elementos para uma definição. *Psychologica*, 11, 91-100.
- Rodrigues, H. (1997). Música para os pequeninos. Elementos da perspectiva de Edwin Gordon. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 95, 16-18.
- Sá, E. (2000). *Psicologia do feto e do bebé*. Lisboa: Fim de século, 2.ª edição.
- Sardo, S. (2011). *Guerras de Jasmim e Mogarim: Música, identidade e emoções em Goa*. Alfragide: Texto Editores.
- Trehub, S.; Schellenberg, E. & Hill, D. (1997). The origins of music perception and cognition: a developmental perspective. In I. Deliège & J.A. Sloboda (eds.), *Perception and cognition of music*, pp. 103-128. Hove, UK: Psychology Press.
- Trevarthen, C. (1999). Musicality and the intrinsic motive pulse: evidence from human psychobiology and infant communication. *Musicae Scientiae, Special Issue*, 155-215.
- Willems, E. (2001). *El oído musical. La preparación auditiva del niño*. Barcelona: Editora Paidós.
- Zenatti, A. & Castellengo, M. (1994). *Psychologie de la Musique*. Paris: Presses Universitaires de France.